

Narrativas cômicas que ecoam: Maria Eliza Alves do circo dos seus

ANJOS, Melissa Fernanda Lopes¹

Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP)

MACIEL, Paulo Marcos Cardoso²

(Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP)

RESUMO

A presente proposta procura investigar a importância da memória familiar e intergeracional para a história da comicidade no Brasil e, especialmente, no que diz respeito ao papel nela desempenhado pelas famílias tradicionais de circo como é o caso da família de Maria Eliza Alves dos Reis e do Circo Teatro Guarany. Esse fato revela como a história oral se torna uma ferramenta fundamental na constituição de fontes documentais que possam contribuir para as narrativas da história do circo, sobretudo quando elas visam a compreensão da palhaçaria praticada por mulheres negras, assunto pouco discutido pela bibliografia especializada em comicidade e circo no Brasil.

Palavras-chave: mulheres negras, circos, comicidades, história oral, artes cênicas no Brasil

ABSTRACT

The present proposal aims to investigate the significance of family and intergenerational memory in the history of comedy in Brazil, particularly regarding the role played by traditional circus families, such as the family of Maria Eliza Alves dos Reis and the Circo Teatro Guarany. This fact highlights how oral history serves as a fundamental tool in the creation of documentary sources that contribute to the narratives of circus history, particularly when aiming to understand the clowning practiced by Black women, a subject rarely discussed in the specialized bibliography on comedy and circus in Brazil.

¹ Melissa Fernanda Lopes dos Anjos, é bacharela em Artes Cênicas, pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente, mestranda em Artes Cênicas no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal de Ouro Preto. Bolsista da CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Atualmente, pesquisadora, atriz e palhaça. **E-mail:** melissa.anjos@aluno.ufop.edu.br

² Paulo Marcos Cardoso Maciel, Paulo Marcos Cardoso Maciel é professor adjunto, do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade Federal de Ouro Preto, atuando como docente e pesquisador na área da teoria, da crítica, da história e da historiografia do teatro brasileiro. Atualmente desenvolve o projeto de pesquisa “Os valores expressivos da vida em movimento desde a América Portuguesa: do arquivo ao repertório das artes da cena no Brasil”, vinculado ao “Arquivo Memória Intercultural das Artes da Cena no Brasil” (DEMANDA UNIVERSAL – FAPEMIG - APQ-00891-22) **E-mail:** paulo.maciell@ufop.edu.br.

Keywords: Black women, clowning, circuses, comicità, oral history, performing arts in Brazil

Introdução

A problemática da contribuição da memória intergeracional para a escrita da história da palhaçaria praticada por mulheres negras no Brasil emerge do meu projeto de pesquisa de mestrado intitulado *Mulheres palhaças no Brasil: um olhar sobre a trajetória de Maria Eliza Alves dos Reis, o palhaço Xamego*. O projeto tem sido desenvolvido com a bolsa concedida pelo CNPQ (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e minha participação no III Seminário Internacional de Pesquisa conta ainda com o auxílio financeiro Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPGAC), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP).

Diante da ausência de documentação escrita que, muitas vezes, caracteriza o universo histórico da memória do tema abordado aqui, as fontes orais produzidas por diferentes pesquisas muitas vezes pelas próprias pesquisas se tornam um dos meios de reconstrução, via memória intergeracional, das linhas de força presentes na formação e no desenvolvimento do circo no Brasil e, em particular, possibilita dar vez e voz às narrativas que foram silenciadas ao longo do tempo sobre a arte da palhaçaria praticada por mulheres pretas.

Para tanto, a história oral é um método fundamental para a recomposição destas trajetórias de vida negligenciadas pela historiografia mais oficial. Pois, segundo salientou Verena Alberti, “o trabalho com a história oral consiste na gravação de entrevistas de caráter histórico e documental com atores e/ou testemunhas de acontecimentos, conjunturas, movimentos, instituições e modos de vida da história contemporânea. Um de seus principais alicerces é a narrativa” (2003, p. 1). É por meio da narrativa que a transmissão do vivido é possível entre os agentes envolvidos no processo, uma vez que a experiência se transforma em linguagem. Trabalho da memória que se faz na linguagem que, assim, inscreve a experiência numa relação triangular do tempo entre o narrado, o(a) narrador(a) e a narrativa.

Até o momento pude perceber que são poucas e bastante lacunares as informações disponíveis e, na sua maioria, costumam ser recolhidas por integrantes das famílias circenses cujo interesse, em geral, é o da preservação e ou conservação da memória comum do grupo, como é o caso do palhaço Xamego e o da palhaçaria praticada por mulheres pretas até os dias atuais, conforme salientou Ermínia Silva³: “A proposta é refletir sobre a constituição histórica do circo-família, construída através da memória do circense, é preciso discutir a importância da memória e das fontes orais na pesquisa histórica”.

É irrefutável o valor das histórias orais em todas as áreas de estudo, entretanto, em determinados setores da vida marginalizados historicamente, se tornam fundamentais para a produção de documentação escrita e estratégicas na constituição do acervo narrativo que, por sua vez, é central para a própria continuidade da arte circense e da palhaçaria, cujo aprendizado se circunscreve em torno da intersubjetividade e da relação mestre (a)/aprendiz. Neste sentido, a pesquisa sobre a trajetória de Maria Eliza como palhaço tem sido possível pela guarda de numerosos documentos por seus familiares e, especialmente, por sua neta Mariana Gabriel⁴.

A neta também palhaça (Birota) vem tecendo seu caminho artístico em diálogo com os rastros deixados pela avó, como podemos observar na constante disseminação de sua presença em suas palestras, documentários, rodas de conversa, publicações no blog Xamego etc. Mas não se trata apenas de tornar presente o palhaço de sua avó por meio de sua rememoração, pois ela atualiza os vetores de seu acervo técnico e artístico em diálogo com o presente da trajetória de sua família mais ampla, ainda do Circo Theatro Guarany.

³ Ermínia Silva possui graduação em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1980), graduação em História pela Universidade Estadual de Campinas (1993), Mestrado em História pela Universidade Estadual de Campinas (1996) e Doutorado em História da Cultura pela Universidade Estadual de Campinas (2003). Autora de dois livros: *Circo-teatro: Benjamim de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil* (Altana, 2007); e *Respeitável Público... o circo em cena* (junto com Luiz Alberto de Abreu) (Funarte, 2009).

⁴ Mariana Gabriel, possui graduação em Comunicação Social pela Fundação Armando Álvares Penteado (2004). Atualmente é produtora, representante legal - Di Ôio Produções Artísticas LTDA. Tem experiência na área de Comunicação, com ênfase em Cinema, atuando principalmente nos seguintes temas: Palhaço Xamego, documentário, cinema negro, protagonismo negro, palhaçaria feminina, circo brasileiro, circo-teatro, memória cultural, processo de criação, dança, corpo e folclore brasileiro, audiovisual.

O interesse aqui é o de refletir sobre a importância das narrativas orais para a produção de presença do passado, negligenciadas pela historiografia do teatro e do circo no Brasil, que elas produzem ao inscreverem a palhaçaria e o circo, bem como seus portadores e portadoras, no tempo histórico. Temporalidade que informa de sentido as trajetórias individuais por meio dos indícios recolhidos da comicidade circense praticada por mulheres pretas no Brasil, com foco na trajetória de Maria Eliza Alves dos Reis, o palhaço “Xamego”.

Nossas Origens

Não podemos esquecer que as trajetórias de Maria Eliza Alves dos Reis e da sua família se inscrevem, mais amplamente, na historiografia do circo e da comicidade no Brasil e, sendo assim, elas nos permitem interpelar as narrativas tradicionais acerca da ausência/presença das mulheres pretas em ambos os contextos investigados, inclusive, deixam de considerar as táticas criativas adotadas por elas para exercerem sua profissão publicamente. Na história mais da sua família circense e no tipo de cultura existente, diversas questões começam a se fecundar em minha cabeça, porque, mesmo com o olhar aprofundado nessa figura, é difícil não olharmos o que a rodeia, que é uma família circense, e uma bagagem de diversas histórias que também a cercam. Cada vez que conheço mais relatos dela, mais quero saber daquelas e daqueles que perpetuam essas memórias.

E são as memórias intergeracionais que formam a trama temporal que dá sentido no presente às trajetórias artísticas e históricas, individuais e coletivas, da palhaçaria praticada por mulheres pretas, como podemos observar no caso da relação da neta com a avó. É este tipo de conhecimento intersubjetivo que possibilita situar a relação de Mariana com Maria Eliza, enquanto forma paradigmática do saber palhaço-palhaça e sua transmissão histórica, em particular quando se trata das mulheres pretas que sempre tiveram de afirmar seu conhecimento. Por isso, as memórias de mulheres pretas circenses/artistas precisam ser referenciadas, para que toda a forma de invisibilização seja dissolvida.

No documentário que Mariana Gabriel, ‘Minha Avó era palhaço!’ (2016), produz em conjunto com sua família, Daise Gabriel⁵ e Roberto Salim⁶, e a codireção de Ana Minehira⁷, muita coisa se revela. A própria neta de Maria Eliza não tinha conhecimento de que outras pessoas desfrutavam da arte de sua avó no picadeiro e fora dele. Portanto, o documentário é uma fonte de estudo importante pois, além de seu assunto, mostra a dimensão reflexiva e estratégica da rememoração da neta para a compreensão da história da palhaçaria no interior da família de Maria Eliza e de sua própria história.

A narrativa oral forja e é forjada por uma experiência coletiva do tempo ligada, por sua vez, ao saber/fazer intersubjetivo do ser em comunidade. Trata-se de uma temporalidade que emerge do relato familiar que refaz hoje a ancestralidade e a sacralidade dos povos africanos, como elementos essenciais para a compreensão da narrativa produzida por Mariana sobre a sua avó. O relato da neta atualiza a arte da avó que, por sua vez, inscreve ambas na história comum da palhaçaria vivida por mulheres pretas revelando a interdependência dos seus respectivos tempos:

A ancestralidade define de modo estruturante a cosmo percepção negro africana, dispersa pelas suas inúmeras e diversas culturas. Como sintetiza Oliveira, desde “a complementariedade dos gêneros até o caráter coletivo dos rituais africanos, o culto aos ancestrais preserva e atualiza, da melhor maneira possível, a originalidade e a genuinidade dos elementos estruturantes da cosmovisão africana” que contempla “a concepção de universo, de poder, de pessoa. [...]” Esse princípio magno ordena as relações sociais, as dimensões religiosas, metafísicas e seculares, as dinâmicas de produção, os valores éticos e estéticos, as medidas e intercâmbios, interlocuções e interdependência entre todos os entes e seres e dos seres no cosmos, as interlocuções com as divindades, a acoplagem dos princípios de existência genérica e individual, a aliança necessária entre vida e morte, a distribuição da energia vital; tudo,

⁵ Daise Gabriel é jornalista pela Fundação Armando Alvares Penteado (Faap) e formada em letras pela Universidade de São Paulo (USP), com licenciatura em língua armênia e língua portuguesa. Trabalhou por 20 anos como repórter, redatora e editora em jornais como *Diário Popular* e *Folha de S.Paulo* (caderno *Folhetim*) e nas revistas. *Afinal* (seção *Mulher*), *Tênis ilustrado*, *Match point*, *Claudia* e *querida*. É realizadora do projeto *Xamego, a primeira palhaça negra do Brasil*, protagonista do filme *Minha avó era palhaço*, pesquisadora sobre sua mãe – a atriz Maria Eliza Alves dos Reis – e produtora dos trabalhos. *Os caminhos do negro João Alves* e *Guarany, histórias do circo dos pretos*, ao lado de sua filha e de seu marido.

⁶ Roberto Salim é jornalista esportivo. Trabalhou como repórter em jornais, revistas e programas de televisão. Por 20 anos, na ESPN Brasil, dirigiu e escreveu mais de 200 documentários para o programa mensal *Histórias do esporte*, que recebeu o Prêmio Vladimir Herzog e o Prêmio Embratel. Participou da cobertura da *Copa do Mundo* de 1982 a 2014, das *Olimpíadas* de 1992 a 2016 e dos *Jogos Pan-Americanos* de 1999 e de 2007. É realizador dos projetos *Xamego, a primeira palhaça negra do Brasil*, *os caminhos do negro João Alves* e *Guarany, histórias do circo dos pretos*, junto com Daise e Mariana Gabriel, sua esposa e sua filha, respectivamente.

⁷ Ana Minehira dirigiu e roteirizou o longa-metragem em 2015. ‘*Minha avó era palhaço.*’

enfim, se ordena e se estrutura no seio da concepção ancestral, fundante dos frisos civilizatórios. (Martins, 2021, p.39)

A ancestralidade enovela o futuro do passado no presente do relato fabricado pela neta que, por sua vez, faz da arte partilhada uma forma de entendimento do saber/fazer palhaçaria entre mulheres pretas. Portanto, o palhaço Xamego surge no documentário como uma espécie de culto ao antepassado. O relato oral documentado funciona como um modo de registro histórico e, ao mesmo tempo, de perpetuação do conhecimento da avó e destinado às mulheres palhaças pretas sendo, também, um expediente do saber-fazer circo adotado pelas famílias no Brasil. Transmissão intersubjetiva do saber/fazer palhaçaria que, durante muito tempo, dependeu da organização familiar para sua sobrevivência. Situação que vem mudando, segundo observou Ermínia Silva:

A relação de trabalho que se estabeleceu no circo, mesmo com apresentações individuais no espetáculo, esteve centrada na organização familiar como a sua base de sustentação. A transmissão do saber circense fez desse mundo uma escola única e permanente. Esse saber, essa arte ancestral e única que é o circo, só se perpetua graças a dois mecanismos: a transmissão do saber de pai para filho e o ensino proporcionado por uma escola. O conteúdo deste saber era (e é) suficiente para ensinar a armar e desarmar o circo; preparar os números, as peças de teatro e capacitar crianças e adultos para executá-los. Esse conteúdo tratava também de ensinar sobre a vida nas cidades, as primeiras letras e as técnicas de locomoção do circo. Através desse saber transmitido coletivamente às gerações seguintes, garantiu-se a continuidade de um modo particular de trabalho e uma maneira específica de organizar o espetáculo. (SILVA e ABREU, 2009, p.25-26)

Tendo em mente as palavras acima, é importante destacar que não se tratava apenas de um saber/fazer técnico, mas de transmissão da experiência acumulada com o tempo no âmbito do grupo familiar, logo, o antepassado se perpetua e se atualiza por meio da transmissão da memória coletiva da arte. Memória que informa a própria trajetória do circo Circo Theatro Guarany, liderado pelo pai de Maria Eliza, João Alves. Não sabemos direito como se deu a formação de Maria Eliza como palhaço Xamego, mas podemos especular que seu conhecimento foi sendo aprimorado por meio de um aprendizado partilhado coletivamente junto à sua ampla família circense.

O palhaço Xamego sobrevive na palhaça Birota e em outras Brasil a fora, conforme revela o Blog Xamego, no qual Daise Gabriel se diz filha de “Xamego”. Nele, Dayse registra as suas lembranças de Maria Eliza e do restante de sua família, de sua mãe

Brígida, sua irmã Efigênia e seu irmão Antônio. Rememoração que recobre as suas vivências no circo e, principalmente, do palhaço Xamego. Vale observar que Maria Eliza fazia palhaço e não palhaça, em dupla com seu marido Reis. Dayse salienta que, no âmbito do circo, não se falava em palhaça, não havia e ou não se pensava o gênero da palhaçaria:

Mas você imagina o que significava nesse período. Agora é, o interessante de qualquer forma, porque que um Xamego surpreende? Porque a fala do circense faz silêncio. E esse silêncio diz muito. Porque veja, eu não falo de Palhaça nos meus livros, ou nas minhas pesquisas, porque os circenses não falam. As minhas fontes não falam. A fonte histórica do século dezenove, eu pesquiso jornal do século dezenove inteiro. Eu entrevisto um monte de gente de circo do século vinte, e é um silêncio sobre isso, sobre a Palhaça neste modo de organização do circo que eu chamo de circo família que vai até mais ou menos mil novecentos e cinquenta, cinquenta, sessenta, depois isso muda, tá certo? Então... E há um silêncio em muitos circenses itinerantes de lona até hoje. Então quando você vê a Sarah indo entrevistar a Hud [da Rocha Camargo], ou a Guará [Guaraciaba Malhone Cavalcanti], ou a Iracema, aí que o tema vem. A Guará na entrevista diz: “Eu fiz mesmo a palhacinha lá de criança”, mas é algo que na vida dela já passou. Mas mais do que passou, há silêncio sobre os Xamegos, eu não sei quantos Xamegos vocês vão descobrir. (SILVA, E. blogspotpalhacoxamego, acesso em 21/07/2025)

Há um silêncio, segundo acentua a autora, sobre a questão do gênero da palhaçaria e/ou do próprio saber/fazer circo até mais ou menos os anos cinquenta ou sessenta. Por outro lado, também parece não importar a princípio a raça da palhaçaria e/ou do circo praticado pelas famílias. Esse mesmo silêncio aparece disseminado na historiografia do circo e da comicidade no Brasil que passa ao largo geralmente do problema. Entretanto, hoje, podemos perceber que várias outras Xamegos têm sido reveladas demarcando, com seu giro transtemporal, um certo terreno ancestral de pertencimento.

Essas diferentes descobertas do Xamego de Maria Eliza dos Reis, sobretudo entre as mulheres negras, revelam a importante contribuição artística dada por ela às artes cênicas do Brasil e, especialmente, à história das mulheres na palhaçaria aqui. Histórias de Xamego que contam, atualmente, com o documentário de Mariana enquanto forma discursiva da rememoração significativa da trajetória circense da avó e, por meio da memória dela, do seu lugar como mulher preta palhaça nessa trama intersubjetiva do tempo partilhado entre os mortos e os vivos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. Narrativas na história oral. In: **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA**. Anais eletrônicos. João Pessoa, PB: ANPUH-PB, 2003. 10f.

CASTRO, Alice Viveiros de. **O Elogio da Bobagem: palhaços no Brasil e no mundo**. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.

ERMÍNIA Silva. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/42900-erminia-silva>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

Itaú Cultural. **Ancestralidade e questões raciais - Ocupação**. (2021, December 3). Ocupação. Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/benjamin-oliveira/ancestralidade-e-questoes-raciais/>. Acesso em: 15 de julho de 2025.

LUÍS Alberto de Abreu. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2025. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoas/9211-luis-alberto-de-abreu>. Acesso em: 23 de junho de 2025.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Museu da Imagem e do Som. **Minha avó era palhaço**. Disponível em: <https://mis-sp.org.br/evento/minha-avo-era-palhaco/>. Acesso em 13 de julho de 2025.

PALHAÇO Xamego. **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa642273/palhaco-xamego>. Acesso em: 27 de julho de 2025

Quem Inova. **DOCUMENTÁRIO: Narra a história da 1ª palhaça negra no Brasil**. Catraca Livre. 09 junho 2017. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/queminova/documentario-narra-historia-da-1a-palhaca-negra-no-brasil/>. Acesso em: 29 de maio de 2025.

ROCHA JUNIOR, Alberto Ferreira; MELO, Olívia Mara Rodrigues. **Palhaço Xamego: Embricamentos filosóficos entre gênero e biopoder/biopotencial**. In: **XI Congresso da Abrace**. 13 a 18 de junho de 2021. Anais eletrônicos da Associação Brasileira de Pesquisas e Pós-graduação em Artes Cênicas (ABRACE). v. 21, 2021. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/5137/4874>. Acesso em: 15 de agosto de 2025.

SILVA, Ermínia. **Circo-teatro: Benjamin de Oliveira e a teatralidade circense no Brasil**. São Paulo: Altana, 2007.

SILVA, E.; ABREU, L. **Respeitável público: o circo em cena**. Rio de Janeiro: Editora FUNARTE, 2009.

Transcrições. **Palhaço Xamego**. Disponível em: <http://palhacoxamego.blogspot.com/p/transcrições.html>. Acesso em: 10 de agosto de 2025.